

## O PROCESSO DE AVALIAÇÃO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Mediação ou tradicionalismos?

Gabriely da Silva Costa<sup>1</sup>; Icléia Caires Moreira<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; <sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos – UFMS, docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; Membro no Núcleo de Estudos em Análise do Discurso – NEAD – UEMS.

\* autor correspondente: icamoreira@hotmail.com

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo problematizar os tipos de estratégias metodológicas avaliativas utilizadas como ferramenta de aprendizagem aplicadas aos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, da Escola Estadual Adilson Alves da Silva, alocada no município de Brasilândia, Mato Grosso do Sul. Mediante o objetivo exposto, a hipótese mobilizadora desta reflexão é de que a *práxis* pedagógica atual, do lócus eleito, ainda se utiliza metodologias avaliativas tradicionalistas, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em detrimento das táticas de avaliação mediadora, cuja aplicação pode ofertar melhores resultados na verificação da aprendizagem, em face de seu caráter não coercitivo. Metodologicamente, esta pesquisa parte de um levantamento bibliográfico em pesquisas acadêmicas que envolvem a temática da avaliação da aprendizagem, traduzidas em práticas metodológicas utilizadas pelos professores como forma de avaliar a capacidade do aluno no percurso das atividades propostas. Além disso, este estudo toma como procedimentos de coleta a aplicação de um questionário semiestruturado (GIL, 1999), para professores das séries iniciais, lotados em uma escola de ensino público de Brasilândia-MS, com dados interpretados via Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). Resultados obtidos evidenciam que as práticas utilizadas têm demonstrado maior preocupação em cumprir referências curriculares e manter um ideário tradicionalista estabelecido pela unidade escolar, em detrimento de retomadas de conteúdos com outras oportunidades de aprendizagem, utilizando-se de metodologias diversificadas, a fim de mudar o cenário de caráter classificatório, que mede somente a capacidade do aluno, por meio de acertos e erros, ao invés de tornar este processo avaliativo contínuo e mediador.

**PALAVRAS-CHAVE:** avaliação mediadora; ensino-aprendizagem; professor; aluno.

### 1 INTRODUÇÃO

Diante da relevância dos processos avaliativos dentro do par ensino-aprendizagem, neste artigo pretende-se demonstrar que o processo de avaliação da aprendizagem, sob a perspectiva mediadora, que favorece resultados qualitativos na perspectiva do aprender e ensinar, como proposta de construção do conhecimento, e desenvolvimento do educando.

O lócus de pesquisa eleito é a Escola Estadual Adilson Alves da Silva, alocada no município de Brasilândia, Mato Grosso do Sul, nicho de ensino corresponde aos anos iniciais, insto é, o ensino

fundamental I. Os objetivos específicos visam verificar o tipo de avaliação mediadora; contribuir para a melhoria de metodologias significativas; utilizar instrumentos avaliativos de forma a classificar o conhecimento; refletir a prática pedagógica no percurso do ensinar e aprender; bem como identificar as teorias que embasam a prática docente.

Partimos da hipótese de que a *práxis* pedagógica atual, do lócus eleito, ainda se utiliza metodologias avaliativas tradicionalistas, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em detrimento das táticas de avaliação mediadora, cuja aplicação pode ofertar melhores resultados na verificação da aprendizagem, em face

de seu caráter não coercitivo.

Para tanto, valemo-nos metodologicamente de Gil (1999), para organizar o levantamento bibliográfico, a coleta do *corpus*, via questionário semiestruturado e promover um gesto de interpretação, via Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). No que tange à teoria, utilizamos Luckesi (2002-2003), Paulo Freire (1996), Hoffman e Lerch (2000), para debater as questões relacionadas ao ato de avaliar, uma vez que está a serviço da obtenção do melhor resultado possível, implica a disposição de acolher a realidade como ela é, seja satisfatória ou insatisfatória, agradável ou desagradável.

Este estudo justifica-se pela importância do processo avaliativo, na construção dos saberes dos educandos e da obtenção de resultados por parte do trabalho docente. Conforme Luckesi (2003), no contexto escolar, a avaliação tem como propósito atribuir legitimidade, o que se traduz em resultados qualitativos em relação aos objetos de conhecimento, sendo estes reflexos positivos no que concerne aos objetivos de aprendizagem. Existem alguns conceitos que podem ser desconstruídos, demonstrando que o processo de avaliação interfere significativamente em nossas vidas, tanto no contexto da escola como na vida em sociedade, nos mais diversos campos de atuação seja cultural, político ou social (HOFFMAN; LERCH, 2000).

Resultados obtidos evidenciam que as práticas utilizadas têm demonstrado maior preocupação em cumprir referências curriculares e manter um ideário tradicionalista estabelecido pela unidade escolar, em detrimento de retomadas de conteúdos com outras oportunidades de aprendizagem, utilizando-se de metodologias diversificadas, geradoras de autonomia do aluno (FREIRE, 1996), a fim de mudar o cenário de caráter classificatório, que mede somente a capacidade do aluno, por meio de acertos e erros, ao invés de tornar este processo avaliativo contínuo e mediador. Em síntese, é

preciso que haja momentos de reflexão das práticas pedagógicas e intervenções que possibilitem a aprendizagem do aluno em forma qualitativa ao invés de quantitativa.

Para fins de organização deste construto acadêmico, organizamos o artigo da seguinte forma: na seção II, intitulada “Avaliação: um traçado histórico deste procedimento de ensino-aprendizagem”, em que trazemos um panorama histórico dos processos de avaliação; na seção III “Apontamentos Teóricos sobre o ato de Avaliar”, salientamos a trama teórica que move esta pesquisa; na seção IV, “traçado metodológico: uma mobilização problematizadora”, explicitamos a metodologia eleita e na seção V, “Um olhar reflexivo sobre a forma de avaliar nos anos iniciais da rede estadual de ensino de Brasilândia-MS”, promovemos o processo analítico das devolutivas das professoras que colaboraram com nossa pesquisa, a fim de observarmos se nossa hipótese passa por um processo de comprovação ou de refutação, em face dos objetivos propostos.

## **2 AVALIAÇÃO: Um traçado histórico deste procedimento de ensino-aprendizagem**

Para entendermos os métodos de avaliação da aprendizagem deve-se observar com Luckesi (2003) que, antes do século XVI, o ensino na escola era feito por um mestre com dois ou três aprendizes. A partir do século XVI, os mestres passaram a lecionar para um número de pessoas mais amplo, e veio a questão: como saber se realmente estavam aprendendo? É dessa conjuntura que nasce a seletividade, ou seja, o que de fato importa trabalhar dentro da escola.

Esse cenário supramencionado é que deu origem aos exames, um método de ensino onde se iria avaliar a aprendizagem dos indivíduos. Era feita uma seleção em que aquele que aprendeu permanece e quem não aprendeu era

retido. A semente da aprovação e da reprovação estava fincada. Essa forma de estabelecer nivelamentos é válida até hoje.

Conforme Santos (2008), a avaliação está inserida no contexto educacional desde os anos 1.200 a.C., oriunda na sociedade chinesa. O seu objetivo inicial não era educativo, mas de controle, era usado para mediar os papéis entre os sujeitos e possuía a função de selecionar. Mas, depois no século XVII, se iniciaram duas importantes teorias para a criação do exame, uma defendida por Comenius, em que estabeleceu que os exames são um espaço de estudo, não de inspeção. Isto é, se o aluno não aprendeu, é preciso refletir e analisar os métodos utilizados para ensinar, e se for preciso deve-se reorganizar as ações para promover o verdadeiro aprendizado. E a outra criada por La Salle que defende o exame como um monitoramento contínuo, com foco nos alunos e nos exames. Esse processo deve ser dirigido à prática pedagógica ou diretamente aos alunos e aos professores.

### **3 APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE O ATO DE AVALIAR**

O presente trabalho visa fazer uma análise das concepções sobre avaliação da aprendizagem utilizadas, atualmente, em uma escola da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, nos anos iniciais. Para tanto é preciso delinear algumas considerações sobre o ato de avaliar, mediante a reflexão de alguns teóricos da área.

Sob esta égide, a conjuntura do ensino aprendizagem abordada mostra que a educação nem sempre foi fundamentada nos princípios da avaliação como ato amoroso de mediação entre ensino e aprendizagem defendida por (LUCKESI, 2003). Aqui, se coloca a avaliação de volta ao seu lugar de ação, ou seja, se faz uma síntese de como este procedimento obteve diferentes nuances

através do tempo.

Segundo Santos (2008), a avaliação vai muito além de somente fazer provas ou testes, ela é usada para evoluir e saber onde se está e a onde se quer chegar. Os procedimentos avaliativos, se usados com consciência pedagógica, permitem traçar caminhos no processo da aprendizagem. Para se entender as concepções de avaliação, que circulam os labirintos da educação, é preciso lançar um olhar sobre as questões dos padrões culturais, historicamente construídos, por um modelo de produção capitalista. Este modelo sofreu transformações no decorrer dos anos, mas sua cultura nunca foi alterada, a ideia de lucro, nunca foi abalada e deixou de herança para a educação a noção de acúmulo e de troca quantificável.

Essa cultura do lucro e da produtividade se alicerçou nas escolas em seus projetos políticos pedagógicos e proporcionou para cada escola em seu regimento escolar estabelecimento de um nível de nota ou resultado responsável por permitir ao aluno prosseguir ou reprovar, a avaliação virou parâmetro de nivelamento. Essa concepção dirigiu o ato de educar nas instituições por muito tempo. Mas a partir da ideia de que o professor é mediador do processo de ensino-aprendizagem, algumas questões tomaram rumos diferentes.

É sabido que a avaliação não produz somente efeitos positivos, ela é um diagnóstico que também baliza resultados que, por vezes, podem ser negativos. Esses dados servem como parâmetros para uma análise apurada da condição do aluno e para o alicerçar de intervenções. Isso possibilita investir na construção do saber para o andamento adequado do ensino-aprendizagem.

### **4 TRAÇADO METODOLÓGICO: Uma mobilização problematizadora**

Metodologicamente, foi realizado um estudo bibliográfico somado a

aplicação de um questionário semiestruturado (GIL, 1999), em formulário do Google, em decorrência da pandemia do Covid-19<sup>1</sup>, para professores das séries iniciais, da localidade eleita, a saber: a Escola Estadual Adilson Alves da Silva, de Brasilândia-MS. O questionário elaborado para esta pesquisa possui 10 questões dissertativas sobre o ato de avaliar. De acordo com Gil (1996), o procedimento eleito ajuda a criar um trajeto de pesquisa racional e sistemático, com o objetivo de proporcionar uma fonte de coleta, para construção de corpora, em face de problemas detectados e que merecem o olhar de um pesquisador.

Deste modo, nas palavras do autor “questionário semiestruturado” trata-se de um procedimento investigativo o qual é destinado a uma quantidade de pessoas com o intuito de coletar novas informações sobre o assunto estudado. Os questionários de pesquisa são elaborados com perguntas de cunho descritivo, enviados ou apresentados através de formulários a serem preenchidos ou por meio de entrevistas. O questionário dedica-se, necessariamente, em coletar objetivos e respostas as questões específicas dos sujeitos de pesquisa. Essas respostas proporcionam os dados necessários para a constituição de uma análise do assunto e da vivência pesquisada.

Para a efetivação da coleta, foram distribuídos 13 questionários, voltaram respondidos 11, destes elegemos 06 para promover o recorte que está presente no texto. O processo analítico deste recorte se deu via Análise de Conteúdo. Conforme (BARDIN, 2011 p. 15), a Análise de Conteúdo exerce uma

função importante que é o desvincular crítico, “é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Este procedimento de análise organiza-se em 04 fases: 01- A história e teoria, que se faz por meio da perspectiva histórica; 02- A parte prática, se refere a análises de entrevistas, de comunicação de massa, de questões abertas e de testes; 03- Os métodos de análise, são organização, codificação, categorização, inferência e informatização das análises e 04: técnicas de análise, exerce a análise categorial, de avaliação, de enunciação, proposicional do discurso, de expressão e das relações.

De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo, trata-se de um instrumento de cunho interpretativo, é uma das técnicas de pesquisa mais antigas que remontam de 1787. A sua emergência como método de estudo aconteceu, sobretudo, nas décadas de 20 e 30 do século XX, a partir do desenvolvimento das Ciências Sociais. O procedimento interpretativo eleito é uma técnica de investigação que envolve sistematização de dados via descrição e problematização qualitativa do que foi manifesto numa coleta.

A ideia do presente texto é, via estes dois amparos metodológicos, aliados a teoria eleita, sondar como funcionam os processos de avaliação e tecer um paralelo, entre a literatura pedagógica existente e as práticas docentes nas séries iniciais, no lócus já mencionado.

<sup>1</sup> A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de

Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>>. Acesso em: 08-09-2021.

## 5 UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE A FORMA DE AVALIAR NOS ANOS INICIAIS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE BRASILÂNDIA-MS

Diante da proposta descrita, este item traz, de forma representativa, R1, R2, R3, R4, R5 e R6, isto é, os recortes que conformam o *corpus* de análise, numerados pela ordem de entrega dos respectivos sujeitos de pesquisa. Todos eles são respostas dadas a P1 (Pergunta 1), do questionário aplicado. Optamos por chamar os questionários de “Q” e numerá-lo conforme devolutivas dos sujeitos de pesquisa que colaboraram com este estudo. Aqui, demonstra-se as respostas das professoras em face das dificuldades concernentes ao ato de avaliar suas turmas.

(PERGUNTA 1-) Considerando a sua experiência, quais dificuldades você encontrou no ato de avaliar?

R1- Q1 **Avaliação é complexo.** No início da carreira seguia um método de explicou um conteúdo aplicava avaliação. Hoje com mais experiência vejo que **avaliar está além de aplicar um teste nos estudantes**, p processo deve ser considerado. Porém o **modelo de escola e o tempo dificulta um acompanhamento processual dos estudantes.**

R2- Q2: **Avaliar é muito difícil** por conta das diferenças. **A minha dificuldade maior não está em avaliar e sim em perceber o que meu aluno aprendeu em relação ao outro.** Particularmente sou contra avaliação escrita mensal. O diagnóstico na aprendizagem tem que ser feita em todas as aulas.

R3- Q3: Existem várias maneiras de avaliar o estudante e a maioria dos **sistemas se prendem apenas a nota de avaliação escrita, não dando muita autonomia ao professor.**

R4 – Q4: **Resistir aos padrões tradicionais** imposto pelas Escolas.

R5 – Q5: A DIFICULDADE DE MANTER UMA **PRÁTICA**

**INCLUSIVA QUE atenda as expectativas de aprendizagem de qualidade.**

R6- Q6: **São vários os desafios, visto que amo alfabetização, e o avaliar precisa ser constante e com um olhar único para cada estudante.**

*(grifos nossos)*

Nesta sequência de recortes, pode-se notar que as colaboradoras da pesquisa consideram avaliar uma gama de ações. Isso já é um passo significativo, em face das conceitualizações circulantes sobre este procedimento. Para Luckesi (2003), a avaliação da aprendizagem é uma forma de balizar e nivelar o estudante, mediante o que está sendo ensinado, para ver se tem condições de avançar em novas etapas do conhecimento. A avaliação nas escolas, seus resultados estão atrelados à formação dos sujeitos e a prática do professor.

Entretanto, é regular nas respostas obtidas que as professoras, para pôr em prática sua visão, acabem por esbarrar na postura tradicionalista da unidade escolar, bem como do sistema de ensino. Isso pode ser visto em R1 “o modelo de escola e o tempo dificulta um acompanhamento processual dos estudantes”. Refletir sobre os instrumentos avaliativos no âmbito escolar, sobretudo, na etapa dos anos iniciais do ensino fundamental, por parte dos professores, é ponderar que eles se encontram uma ambiência que não permite que tenha espaço de aplicação de modalidades mais flexíveis seu trabalho, pois não dá o resultado esperado, é o que se pode observar em R3: “sistemas se prendem apenas a nota de avaliação escrita, não dando muita autonomia ao professor”. A escola ainda vive arraigada a estatísticas.

Uma unidade escolar que não observa as ferramentas, metodologias que auxiliam no processo de sondagem da aprendizagem dos estudantes, consolidando competências e habilidades que promovam uma educação integral

(BRASIL, 2018), não permite que a aprendizagem se dê pela mediação, mas pela quantificação dos resultados apenas, o que não delinea por completo o avanço do aluno. Esse cenário fica exposto no lócus eleito quando R4 relata que é preciso “Resistir aos padrões tradicionais imposto pelas Escolas”. Um professor que precisa resistir ao tradicional, que lhe é cobrado, buscar autonomia, exerce seu fazer na contramão de um sistema que quer estatísticas, ele está rebeldia do exercício pedagógico, pois não se prende a fatalismos, deseja a autonomia de seu aluno (FREIRE, 1996).

Essa postura supramencionada mostra o quanto ainda é preciso que se modifique, mais que a formação do professorado, é necessário que se reavalie as práticas avaliativas sistematizadas pela escola, lançadas em seu Projeto Político pedagógico (PPP), explicitadas às equipes. Faz mister verificar se o que está no PPP é cumprido na prática, visto que este documento precisa estar em consonância com a Base nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018).

Note que para as colaboradoras, avaliar/avaliação é “Complexo” (R1), “é muito difícil (R2), “são vários os desafios” (R6), porque encontram-se em um ambiente de ações estagnadas, cujas práticas avaliativas não se transformaram com o tempo e nem seguiram os alinhamentos de ordem legal que hoje vigoram. A situação analisada nos recortes eleitos mostrou que não se permite que o professor, inserido neste contexto, explore estratégias metodológicas diferenciadas a cada avaliação.

Fica evidentes que não há a formação crítica do professorado, ofertada pela escola, sobre sua prática (FREIRE, 1996), levando em conta a realidade cultural e social que seus alunos possuem, como salienta R6 “o avaliar precisa ser constante e com um olhar único para cada estudante”. Não se pode notar

uma mobilização da unidade escolar para a avaliação mediadora se estabelecer, mas uma cobrança por táticas tradicionalistas geradoras de dados estatísticos. Isso mostra que ainda há muito o que ser alinhado, para erigir o que Luckesi (2002) toma como processo de avaliar: Para o autor, avaliar é não estabelecer pré-julgamentos no quesito dos estágios e tempos de aprendizagem de cada um, com respeito ao desenvolvimento da criança, é mediar o processo de ensino. Isso ainda não se dá no *locus* de pesquisa eleito.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os objetivos traçados, a hipótese e a base teórico-metodológica eleita, pode-se dizer que embora alguns elementos de acolhimento, integração e tolerância tenham sido mencionados na atividade docente dos professores colaboradores (R1, R2, R3, R4, R5 e R6), o significado da avaliação como pontualidade, classificação e momento de seleção ainda é muito evidente. Trata-se de uma prática exigida pela escola e que os professores que desejam não fazer uso precisam se colocar como aqueles que resistem ao ideário tradicionalista.

Nota-se que o dizer de uma escola mediadora perpassa as discussões da rede Estadual de ensino, mas as práticas regulares das escolas, ainda carecem de desconstrução, pois são tradicionalistas e tolhem o trabalho do professorado. Mudar essa prática vai além de formar um professor mais consciente, necessita de uma transformação na forma de trabalho das unidades que os acolhem e acolhem os alunos, pois o ensino que deve ser posto em prática não pode ser meramente classificatório e estatístico.

A cultura de avaliar precisa ser desconstruída na sistemática da unidade escolar eleita, os professores têm dificuldade de fazer um processo avaliativa mais mediado e processual porque precisam de elementos criadores de

estatísticas, sentem-se em um embate entre o que acreditam e o que necessitam pôr em prática. As dificuldades relatadas nascem da falta de encaixe sobre o que é avaliar para escola e o que é avaliar para o professor.

A avaliação precisa observar o progresso do educando, seja ele qual for a área, seu objetivo é auxiliar o ensino e promover o aprendizado, no intuito de encontrar o melhor o resultado. Para isso, a equipe e a escola precisam olhar para a mesma direção, em benefício da evolução e aprendizagem do aluno.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo; Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. Projetos de pesquisa. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HOFFMANN, J.; LERCH, M. Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Educação & Realidade, 2000.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. EccoS Rev. Cient., UNINOV, São Paulo, n. 2, v. 4, 2002, p. 79-88.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

SANTOS, J. G. dos. História da avaliação: do exame à avaliação diagnóstica. Uberlândia: Universidade necessária utopias+distopias, 2008.